

Um Eldorado em Roraima

■ Chileno estuda caminho dos incas e tenta provar que cidade de ouro não era só fantasia

LUCIANA NUNES LEAL

O Eldorado existiu e aí de quem duvide das palavras do artista plástico Roland Stevenson, um chileno de 65 anos que há mais de 20 vive em Manaus, aventurando-se em expedições para encontrar um certo Lago Manoa, ou Lago Parime, à beira do qual ficavam as lendárias montanhas cheias de ouro. Stevenson avisa: em 1987, localizou vestígios que provam a existência do lago, procurado em vão durante séculos por expedicionários europeus. São 400 quilômetros de extensão. Hoje, equivale a uma área que ocupa parte da Guiana e parte de Roraima, inclusive a capital, Boavista. O Manoa secou e foi extinto, mas no período das chuvas, entre abril e agosto, formam-se lagunhos em áreas que não viraram cidades. "Há uma linha muito nítida na montanha, mostrando o nível da água. Não era um lago profundo e nunca tinha sido encontrado porque os expedicionários viajavam em janeiro e fevereiro, quando o lago estava sempre seco", garante Stevenson.

Livro - Ao comemorar os doze anos de sua descoberta, o artista prepara-se para lançar nos Estados Unidos seu livro *Uma luz nos mistérios amazônicos*, escrito em 1990. Aqui, conseguiu editar apenas 1.500 exemplares, quando venceu um concurso sobre História da Amazônia. "No Brasil existe um preconceito muito forte com o Eldorado. Para todos, é fantasia e quem procura é louco", afirma.

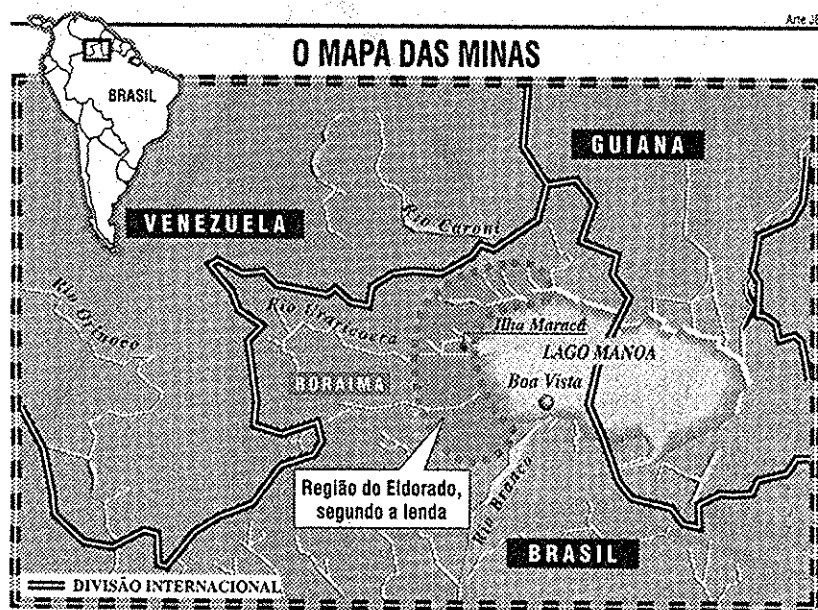
Com suas teorias sobre o Lago Manoa, Stevenson faz reviver o velho mito do Eldorado, região abundante em ouro, segundo a lenda que começou a se espalhar pelo mundo no século 16. Stevenson está certo de que não é mito, mas uma história que faz todo sentido. Garante que, de fato, há 500 anos, aquela era uma área cravada de ouro, explorado pelos incas, que saíam do Peru para buscar a riqueza no Norte do Brasil.

A versões fantasiosas que chegavam à Europa falavam em uma cidade com palácios de cristal, com tetos dourados e paredes de diamantes. Juntou-se a esta versão uma outra lenda, com origem na Colômbia, de que o chefe local, uma vez por ano, banhava-se de ouro mergulhando em um lago. Essa mistura de supostos relatos de riqueza encheram os olhos dos aventureiros. Dessa parte folclórica, Stevenson não se ocupa. Prefere buscar as provas de que existiu uma região com ouro abundante, próxima a um enorme lago, de onde saiu o metal de grande parte dos ornamentos que impressionaram os colonizadores nos últimos anos do século 15.

Jóias - As primeiras notícias sobre a fartura de ouro nas terras recém descobertas começaram a chegar à Europa com as cartas dos espanhóis descrevendo os ornamentos dos habitantes e, em especial, as jóias levadas por expedicionários como Hernán Cortés e Francisco Pizarro. O Eldorado despertou o interesse de vários aventureiros, que tinham uma vaga idéia de onde ficava a região e par-



Em busca do Eldorado, Roland Stevenson (D) teve que salvar seu barco das correntezas várias vezes



tiam atrás da fortuna fácil. Voltaram todos de mãos abanando, mas o mito do Eldorado continuou intrigando viajantes do mundo inteiro.

Segundo Stevenson, os índios Aruac foram os que melhor descreveram a localização do paraíso de riqueza, em 1570, ao governador da Ilha Margarita, na Venezuela, Juan De Salas. "Eles iam à ilha comercializar produtos e falaram claramente que havia montanhas com muito ouro nas cabeceiras do rio Orinoco. A descrição que fizeram é a que hoje corresponde à divisa da fronteira com a Venezuela, mas do lado brasileiro", garante o pesquisador.

Ruínas - Como a menção ao lago era comum a várias descrições do Eldorado, Stevenson dedicou-se à busca do Manoa. Começou em 1977 e passou dez anos procurando. Na Amazônia, andou a pé, de jipe, empurrou barco contra a correnteza, descobriu ruínas e caminhos centenários. Finalmente, jura, encontrou o que procurava, em 1987. "Custou muito trabalho, mas encontrei", comemora.

A ilha Maracá, no lado esquerdo do imenso lago, era, na versão do chileno, uma espécie de coração do Eldorado. Lá, segundo ele, os índios

faziam rituais em homenagem aos mortos. Os longos períodos na selva deram ao pintor a certeza de que os incas chegavam ao Eldorado por meio de um caminho pelos Andes, vindos do Peru. Lá encontravam o ouro que tanto interessou aos colonizadores espanhóis. Stevenson esteve várias vezes na ilha Maracá, mas acabou criando confusão com um grupo de ingleses que montou uma expedição para conhecer o local e hoje o chileno não é bem-vindo nas áreas guardadas pelo governo.

O problema aconteceu em 1987, quando um grupo inglês chegou a Maracá para estudos ambientais na ilha. Stevenson denunciou que, com a desculpa de fazerem análises em plantas, insetos e animais dissecados, os pesquisadores estavam retirando toneladas de terra, provavelmente misturada com ouro. "Quando fiz a denúncia, eles foram embora, pensaram que o Brasil ia tomar providências. Ninguém fez nada. E até hoje é proibido entrar na ilha", diz.

Deserto - Stevenson sabe que suas teorias são ridicularizadas por *experts* da região, mas não desiste de defendê-la. Diz que os ingleses até hoje impedem que sua descoberta seja publicada nas revistas especializa-

das do exterior. Também desdenha de pesquisas recentes segundo as quais a região onde acredita ter sido o lago Manoa foi um enorme deserto. "O primeiro cara a dizer que o lago existia fui eu e achavam que só podia estar louco", diz.

O artista vive da venda dos quadros que pinta ao longo das viagens pela floresta e nas aldeias indígenas. "Comecei a me interessar por antropologia quando, em 1968, fui pintar os índios yanomamis e, como sou retratista, descobri que eles não eram uma raça pura, como se acreditava. Percebi que havia muitos tipos diferentes", conta. Em suas expedições, Stevenson, que trabalha com três geólogos, conta que encontrou restos de construções de pedra e, para sua surpresa, desenhos de lhamas em plena selva amazônica. Concluiu que eram vestígios dos caminhos percorridos pelos incas quando iam buscar ouro no Eldorado. As paredes de pedra seriam os tambos - como se chamam hoje as hospedagens no Peru -, onde os incas paravam para descansar, com seus animais, que carregavam carga.

Arma - Stevenson conta que pedras esculpidas com oito pontas - tipo de arma usado pelos incas - encontradas no caminho foram mais uma prova da presença dos incas na Amazônia brasileira. A teoria do chileno é de que, em 1532, com a invasão de espanhóis em Cajamarca, no Peru, quando o ouro foi saqueado e muitos incas foram mortos, os que restaram decidiram abandonar a região e instalaram-se definitivamente na área de ouro abundante à beira do lago Manoa, em terras hoje brasileiras.

Por isso, Stevenson está convencido de que muitas tribos indígenas que vivem hoje na Amazônia brasileira são descendentes dos incas. E já avisa, a quem se prepara para rebater cada uma de suas conclusões: "Não sou chegado a misticismos; O que digo é resultado de muitos anos de estudo."

Coronel inspirou Indiana Jones

Fawcett sumiu no Xingu em busca da "cidade de prata"

Os relatos de que por estes lados do Novo Mundo havia ouro abundante inspiraram as mais ricas lendas - em imaginação. Foi uma dessas descrições que levou, em 1925, o coronel inglês Percy Harrison Fawcett a deixar a Inglaterra e embrenhar-se em Mato Grosso, procurando uma cidade cravejada de prata. O aventureiro não encontrou o lugar e nunca voltou a seu país. Desapareceu, provavelmente abatido por alguma tribo indígena. Pior: a cidade descrita em 1753, e que encantou Fawcett quase 200 anos depois, ficava na Bahia e não em Mato Grosso. O coronel cismou que o viajante autor do documento - há controvérsias sobre sua identidade - estava enganado na localização. E partiu para o Xingu. Não é à toa, portanto, que Fawcett é o inspirador do personagem Indiana



Fawcett acreditava que acharia paraíso descrito por viajante em 1753

na Jones, o arqueólogo criado por Steven Spielberg.

O original do documento que inspirou Fawcett está na Biblioteca Nacional do Rio. Fala sobre a "relação histórica de huma (sic) oculta e grande povoação antiqüíssima (sic), sem moradores, que se descobriu no ano de 1753". A região nada mais é que a Chapada Diamantina. As informações

sobre "minas de prata" na região foram o grande incentivo para a aventura de Fawcett. "As minas eram de ouro, salitre, diamante. Só não tinha prata", diz o professor de Comunicação da UFRJ Francisco Dória, que esteve na Chapada, com a antropóloga Maria Beltrão, do Museu Nacional, pesquisando os vestígios da presença humana na região.

Delírio - Nas palavras de Dória, Fawcett era "um delirante completo". Antes de sair do Brasil, o coronel estava convencido de que encontraria algo anterior à Atlântida, outro misterioso paraíso perdido que já motivou várias expedições. Chegou à esta conclusão depois de consultar uma médium, a quem mostrou uma estátua pré-colombiana de basalto que ganhou de presente de um amigo. "Fawcett contou em uma carta ao amigo brasileiro Alberto Childe que a médium, em transe, lhe contou a destruição da Atlântida", diz.

Fawcett incentivou a aventura na família. Seu filho Jack, em 1952, organizou uma expedição a Mato Grosso para procurar os restos do pai. Sobreviveu, mas não encontrou. Em junho de 1996, uma expedição foi organizada para percorrer a trilha de Fawcett, com patrocínio e tudo. Mais contratempos. Os 12 integrantes foram capturados por índios, que ficaram com barcos, rádios e os jipes da expedição (L.N.A.)